



A FORMAÇÃO DE COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM COMO DESAFIO PARA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA JUNTO AO EQUIPAMENTO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CHAHIN, Samira Bueno¹
GONÇALVES, Fernanda Martins²
DELFINO, Mariana Santos³
SILVA, Cathiane de Oliveira⁴

Grupo de Trabalho (GT): Infâncias, juventudes e processos educativos

RESUMO

A proposta desse texto é relatar resultados parciais de pesquisa-ação realizada junto ao CMEI Edvaldo Albuquerque dos Santos, equipamento escolar de educação infantil do Conjunto Dênisson Menezes, no bairro Cidade Universitária. Sua realização faz parte do projeto de pesquisa “Tempo Livre depois da Escola” que busca identificar a formação de culturas infantis a partir da configuração do espaço urbano do entorno escolar de territórios periféricos. Mais especificamente na pesquisa-ação que relatamos aqui, buscamos experimentar estratégias para organização de comunidade de aprendizagem escolar por meio de atividades de reflexão, projeto e intervenção no espaço público do bairro, em consonância com metodologias para elaboração de planos de bairro participativos. As estratégias mobilizadas foram encontros de escuta/diálogo e realização de oficina com a comunidade escolar. Os resultados parciais da pesquisa-ação apontam para os desafios do equipamento escolar em questão de tecer diálogos com as famílias, bem como transpor os muros da escola em espaços pedagógicos “criados”.

Palavras-chave: equipamento escolar, comunidade de aprendizagem, planejamento participativo, espaços pedagógicos criados, culturas infantis.

INTRODUÇÃO

Compartilhamos nessa comunicação resultados parciais do projeto de pesquisa e extensão “Tempo livre depois da escola”, focado em reconhecer culturas infantis de territórios periféricos de modo que, a partir delas, possamos pensar a qualificação da ambiência do espaço escolar ampliado ao território (Elali, 2011; Santos, 2018). Ao mesmo tempo, está orientado a investigar metodologias participativas para elaboração de planos de bairro (Campos Filhos, 2003; Fundação... 2019). Fundamentado na ideia de envolvimento comunitário (Santos, 2015) em contraposição à ideia de desenvolvimento urbano (Arantes; Vainer; Maricato, 2000), o projeto aposta no papel da escola como

¹ Professora Doutora, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. samira.chahin@fau.ufal.br

² Mestre, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. fernandamartins.ufal@hotmail.com

³ Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. marianasandel@gmail.com

⁴ Graduada, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. copimentels@gmail.com





equipamento de estruturação da vida cotidiana, assim como centro irradiador de comunidades de aprendizagem sobre o território.

Busca, desse modo, refletir sobre o desafio da organização de comunidades de aprendizagem (Torres, 2011; hooks, 2013) a partir de demandas de transformação urbana, das intervenções pontuais voltadas à qualificação do espaço público (*placemaking* – construção de lixeiras, plantio de árvores e implantação de jardins de chuva etc.) à reivindicação de infraestruturas urbanas de médio e grande porte junto à administração municipal (drenagem urbana, coleta seletiva de lixo etc.)

O estudo de caso que apresentamos conta mais especificamente sobre os desafios da pesquisa-ação realizada junto ao CMEI Edvaldo Albuquerque dos Santos, localizado no Conjunto Habitacional Dênisson Menezes, no bairro Cidade Universitária, região do Tabuleiro da cidade de Maceió. A experiência foi realizada ao longo da disciplina “Projeto urbano como instrumento para (des)envolvimento local”, realizada no primeiro semestre de 2025 junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas.

Implantado entre 1996 e 2005 por meio do Programa Habitar Brasil, o Conjunto Dênisson Menezes é tomado como caso representativo do modo como políticas habitacionais foram implementadas em Maceió⁵, assim como da urbanização de áreas periféricas vulneráveis dessa cidade. Seu estudo enseja oportunidade para observar a dimensão educativa decorrente do modo como políticas públicas vêm produzindo urbanidade nas franjas geográficas da cidade, percebendo ainda os impactos de tais políticas de habitação na coesão social das periferias e, principalmente, na formação das culturas infantis (Chahin, 2024).

OBJETIVOS

Ao atentar para a dimensão educativa da vida cotidiana na escala dos bairros, o projeto de pesquisa se interessa pela formulação de diretrizes para intervenções urbanas que reconheçam e integrem a população local como agente da produção urbana – especialmente mulheres e crianças. Empenha-se, desse modo, em contribuir para a

⁵ Outros dois conjuntos do Tabuleiro de Maceió integram a pesquisa: Eustáquio Gomes e Salvador Lyra.





tessitura de políticas públicas voltadas à produção e apropriação do sistema de espaços livres que compõe os conjuntos habitacionais periféricos. Assim, tem como objetivo principal a articulação da comunidade escolar em torno de questões urbanas relativas à escala local – do bairro –, buscando integrá-las ao projeto político-pedagógico do equipamento escolar.

Para contribuir mais especificamente com tais objetivos, a pesquisa-ação realizada junto ao CMEI Edvaldo Albuquerque dos Santos buscou refletir sobre: o papel deste equipamento escolar como elemento de estruturação do tecido urbano e da vida cotidiana por meio de leitura dos trajetos diários e da interação das famílias com a escola; estratégias para formação de comunidades de aprendizagem envolvendo gestoras, professoras e famílias; táticas de intervenção nos espaços públicos que compõe o sistema de espaços livres na escala do bairro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Conjunto Habitacional Dênisson Menezes foi projetado como um loteamento de casas térreas com pequeno quintal no recuo frontal, organizado em malha ortogonal de onze quadras regulares servidas por equipamentos urbanos (posto de saúde, escola, posto policial, “centro comunitário”) e praça pública, numa reprodução morfológica simplificada do que seria uma unidade de vizinhança. Sua paisagem é marcada pela aridez resultante da quase ausência de cobertura vegetal, além de um marasmo decorrente de seu isolamento territorial em relação às centralidades do Tabuleiro.

A partir de uma consideração dos parâmetros urbanísticos que caracterizam a espacialidade deste Conjunto, a pesquisa-ação foi fundamentada na compreensão de que as características de conformação de seu território são marcadores das culturas infantis que se forjam a partir das vivências e experiências das famílias que, cotidianamente, deslocam-se em direção ao equipamento escolar e nele se encontram. Esse cotidiano em torno do equipamento escolar determina grande parte das relações de horizontalidade estabelecidas entre as crianças e de verticalidade entre elas e suas cuidadoras (Arenhart, 2016; Chahin, 2024).





Salientamos, desse modo, o potencial de convergência comunitária latente no equipamento escolar, apontando para seu papel como intensificador de vínculos sociais e irradiador de comunidades de aprendizagem (Torres, 2001; hooks, 2013). Reafirmo a importância do reconhecimento da singularidade cultural e curricular como posição determinante para o fortalecimento de uma escola pública popular (Freire, 1995).

Entendemos a compreensão das culturas infantis forjadas no cotidiano deste território como fundamento da valorização da diversidade das crianças. Negamos as afirmações direcionadas à imposição de um padrão de infância e sublinhamos a capacidade criadora das crianças na configuração de seus lugares (Lopes; Mello, 2017; Chahin, 2025). Dialogamos, desse modo, com pesquisadoras que enfatizam a potência dos territórios periféricos (Fernandes et al., 2018) e o protagonismo de suas sujeitas e sujeitos na tessitura de suas identidades (D'andrea, 2020).

É nesse sentido que, ao pensar a participação popular na transformação do território na escala do bairro, parece-nos oportuno mobilizar a criação de espaços de auto-organização popular em contraposição aos espaços convidados geralmente oferecidos pelas esferas da administração municipal (Miraftab, 2015). Reafirmar a potência e a capacidade criadora de crianças e suas cuidadoras sobre a transformação dos espaços públicos do entorno escolar significa, antes de qualquer outra ação, transpor os muros da escola em “espaços pedagógicos criados”.

Essa argumentação se fundamenta na hipótese de que a ocupação programática de equipamentos escolares com atividades pertinentes à elaboração de planos de bairro pode incentivar a formação e nutrição de comunidades de aprendizagem (TORRES, 2001; hooks, 2013) interessadas no (des)envolvimento urbano da comunidade (Santos, 2015), fortalecendo e nutrindo a presença das famílias no ambiente escolar.

Desse modo, a pesquisa-ação aposta na ocupação programática do equipamento escolar, visando o fortalecimento dos espaços pedagógicos criados pelas comunidades, como diretriz para a elaboração de projetos urbanos comprometidos com o reconhecimento das potências periféricas, suas identidades e capacidade criadora. E, principalmente, com o direito de crianças a viverem plenamente na cidade (Gobbi et al., 2022).





PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

A pesquisa-ação, vinculada ao projeto de pesquisa Tempo Livre depois da Escola, foi realizada ao longo da disciplina *Projeto urbano como instrumento para (des)envolvimento local*, ministrada pela autora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Dada sua natureza extensionista em nível de pós-graduação, foi planejada para acontecer no recorte de um semestre acadêmico, ou seja, em quatro meses.

Partimos de um ciclo de conversas com pesquisadores de referência para o projeto e logo iniciamos a pesquisa-ação com a aproximação entre as pesquisadoras envolvidas na disciplina e o cotidiano do CMEI e do bairro. As incursões de aproximação aconteceram por meio de encontros de escuta/diálogo com a comunidade escolar, organizados a partir da atuação junto ao Conselho Escolar da escola. Logo, a sequência dos encontros realizados foi amarrada e concluída por meio da condução de oficina para confecção de *puffs* e intervenção física no entorno escolar.

As ações voltadas à escuta e ao diálogo com a comunidade escolar foram iniciadas como uma primeira aproximação às famílias que compõem o Conselho Escolar. Logo, passamos a interagir com o grupo maior de famílias por meio de oficinas temáticas. Elas tiveram a escuta e a partilha sobre o cotidiano no bairro em relação ao CMEI como foco, principalmente sobre as questões relativas aos deslocamentos diários e aos usos dos espaços públicos do seu entorno (ruas, calçadas e praças). Além de ações realizadas com as famílias – principalmente mães e avós, apenas um pai compareceu aos encontros – a equipe de pesquisadoras realizou rodas de conversa sobre o bairro com professoras e funcionárias por meio de leituras cartográficas do território.

Para finalizar a pesquisa-ação, a equipe propôs a realização de uma intervenção física feita na pracinha do mercado, somando nova ação ao local do plantio do abacateiro e enfatizando a ocupação do lugar. A intervenção resultou de uma oficina de fabricação de *puffs* com mães e crianças realizada no CMEI com a intenção de conduzir entre elas uma atividade prática que pudesse gerar entrelaçamento social.





RESULTADOS

As conversas com a comunidade escolar demonstraram distanciamento entre as famílias e o CMEI, fator que dificultou enormemente a formação de um grupo focal para diálogo. Foi possível constatar que o tempo de quatro meses de projeto, coincidente com o tempo de uma disciplina semestral, é insuficiente para desenvolver projetos de extensão universitária em um contexto de quase total desarticulação comunitária como o encontrado.

Desse modo, para estabelecer um processo formativo de fato dialógico, que se equilibre numa articulação respeitosa entre as culturas e identidades locais, a figura docente em seu papel de formulação curricular (Chahin, 2019) e os objetivos da extensão universitária, parece ser fundamental que se estabeleçam projetos de longa duração, mais semelhantes ao que se chama assessoria técnica no campo da arquitetura e do urbanismo (Couto et al, 2024).

No mais, ao considerar os objetivos gerais do projeto de pesquisa, também os mais específicos da pesquisa-ação junto ao equipamento escolar, percebo a falta de tempo livre remunerado na jornada de trabalho das professoras e funcionárias como um grande empecilho para o avanço da consolidação da escola como um equipamento de estruturação da vida cotidiana do território na escala do bairro.

À esta falta de tempo remunerado para dedicarem-se a atividades pedagógicas extracurriculares, somam-se as dificuldades de mobilidade urbana de Maceió, acentuadas pelo isolamento do Conjunto em relação aos principais eixos viários da cidade, transformando o deslocamento de professoras e funcionárias para a escola numa verdadeira saga. Estas condições são determinantes para a falta de motivação encontrada entre professoras e funcionárias. Elas precisam ser explicitadas como forma de reivindicação de políticas públicas municipais que possam melhorá-las.

Por outro lado, a oficina de confecção de *puffs* demonstrou que cuidadoras – em geral mães e avós – se abrem facilmente à cooperação comunitária quando motivadas e incentivadas a uma ação coletiva voltada a algum tipo de beneficiamento para a criação de suas crianças. Os resultados dessa oficina ratificam a potência da organização comunitária liderada por mulheres quando o assunto é melhorar as condições de vida de suas crianças.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente focada na compreensão do Conjunto no que tange os usos coletivos de seus espaços públicos, a pesquisa-ação abriu espaço para o diálogo entre academia, gestão e comunidade escolar de modo a refletir sobre o paralelismo entre projeto pedagógico escolar, práticas culturais comunitárias e preservação ambiental, sincronizados no desejo de transformação urbana por meio da elaboração de planos para o bairro.

A pesquisa demonstrou, na prática, os limites da teoria ao desvelar os desafios da agremiação comunitária dada, sobretudo, pela inexistência de ações permanentes voltadas ao envolvimento no currículo escolar. A despeito do esforço da gestão escolar, há barreiras administrativas, financeiras e na formação das professoras que dificultam enormemente iniciativas de envolvimento comunitário. Nesse sentido, a importância da atuação da Secretaria de Educação no fortalecimento das políticas curriculares e nos incentivos à formação docente continuada.

REFERÊNCIAS

- ARENHART, Deise. **Culturas infantis e desigualdades sociais**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. Cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARROS, Maria Isabel Amando de. **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. Rio de Janeiro: Alana, 2018.
- CAMPOS FILHO, Cândido Malta. **Reinvente seu bairro**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- CHAHIN, Samira. Geografia da infância em “territórios de pobreza”. Primeira aproximação ao conjunto Dênisson Menezes... In: **Anais do 18º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Horizontes (Im)possíveis** Anais...Natal (RN) UFRN, 2024.
- CHAHIN, S. A caixa-preta do cotidiano e a escrita da história da arquitetura e do urbanismo escolar: relatórios de APO como fontes de interpretação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 106, n. 1, p. e6078, 12 jun. 2025.
- CHAHIN, Samira. **Diálogos numa corda bamba: sobre formação a formação continuada de professores**. Revista CPC (USP), São Paulo, v. 14, nº 27 – especial, p. 149-164, 2019.





COUTO, Gabriel Ribeiro; ANDRADE, Liza Maria Souza; LENOIR, Juliette Anna Fanny. Práxis extensionista transformadora. Panorama da assessoria sociotécnica do grupo periférico na luta pelo direito à cidade. **Projectare**, v. 1, nº 13, p.106-123, nov. 2022.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 39, nº 1, p.19–36, 2020.

ELALI, Gleice A. Do intramuros ao extramuros: comentários sobre a apropriação dos espaços livres da escola pela escola. In: AZEVEDO, G.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs.). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres**. Uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011.

FERNANDES, Fernando; SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge. O paradigma da potência e a pedagogia da convivência. Editorial **Revista Periferias**. Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, 16 mai. 2018.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

FUNDAÇÃO TIDE SETÚBAL. **Territórios de direitos**: um guia para construir um plano de bairro com base na experiência do Jardim Lapena. São Paulo: Fundação Tide Setúbal, 2019.

GOBBI, Marcia Aparecida; ANJOS, Cleriston Izidro dos; SEIXAS, Eunice Castro; TOMÁS, Catarina (Org.). **O direito das crianças à cidade**: perspectivas desde o Brasil e Portugal. São Paulo: FEUSP, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047317>

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

LOPES, Jader Janer; MELLO, Marisol, Barenco. Autorias infantis: processos intermodais de criação. In: ARAÚJO, Vania Carvalho (Org.). **Infâncias e educação infantil em foco**. Curitiba: CRV, 2017.

MIRAFTAB, Faranak. **Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, v. 18, nº 3, p. 363-377, set.-dez. 2016.

SANTOS, Antonio Bispo. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

TORRES, Rosa María. Comunidades de aprendizaje. Repensando lo educativo desde el desarrollo local y desde el aprendizaje. **Simpósio Internacional sobre Comunidades de Aprendizaje**, Barcelona Forum 2004, Barcelona, 5 e 6 de outubro de 2001.

